



SEÇÃO: RESENHA

Tecnodiversidade, de Yuk Hui

Technodiversity, by Yuk Hui

Gabriela Berghahn

Santana¹

orcid.org/0000-0001-8680-017X
gabrielaberghahn@hotmail.com

Marthina Borghetti

Rosa da Silveira¹

orcid.org/0000-0002-0257-8135
marthiborg@gmail.com

Recebido em: 24 jun. 2021.

Aprovado em: 24 jun. 2021.

Publicado em: 23 ago. 2021.

Resumo: A presente resenha tem como objetivo apresentar o novo livro de Yuk Hui, *Tecnodiversidade*. Nessa obra, o filósofo da tecnologia defende o desenvolvimento de um novo pensamento reflexivo, em torno da tecnologia a partir da localidade. A tecnodiversidade é pensada como o caminho para a construção de uma nova era, que daria fim à globalização unilateral e ao avanço tecnológico dependente do europeu, consequências do paradigma iluminista.

Palavras-chave: Tecnodiversidade. Tecnologia. Arte. Filosofia.

Abstract: The main goal of the following review is to present Yuk Hui's new book: *Technodiversity*. In this work, the philosopher of technology defends the development of a new reflective way of thinking about technology from locality. The technodiversity is formulated as the path for constructing a new age, ending unilateral globalization and the technological progress dependent of the European, consequences of Enlightenment's paradigm.

Keywords: Technodiversity. Technology. Art. Philosophy.

Yuk Hui é pesquisador e professor da Universidade de Hong Kong e professor visitante da Pós-Graduação em Filosofia e Tecnologia na Academia de Artes da China, em Hanchou. Também é fundador da *Research Network for Philosophy and Technology*, plataforma internacional que facilita a pesquisa sobre arte e tecnologia.

Em seu mais recente livro, *Tecnodiversidade*, publicado em 2020, Hui apresenta um conjunto de ensaios nos quais formula suas investigações acerca das relações entre a humanidade e a tecnologia na contemporaneidade, estereótipos, senso-comuns e também as ligações com os campos social e político, passando pelos temas ecologia, arte, inteligência e inteligência artificial. O autor reflete a respeito do avanço tecnológico unilateral e suas consequências no atual cenário político, sobre a crise da democracia e como ela influencia as formas de usar e pensar a tecnologia.

O filósofo da tecnologia propõe uma rearticulação da questão das relações entre tecnologia e sociedade, colocando-se contra a interposição da tecnologia entre a humanidade e o cosmos, a favor da redescoberta



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

da multiplicidade de cosmotécnicas, bem como da reconstrução de suas histórias particulares. O conceito de "cosmotécnicas" refere-se a tecnologias desenvolvidas em contextos locais, pertencendo e definindo certo cosmos cultural, cuja retomada permitiria pensar uma filosofia da nova era, em conjunto e pela diversidade técnica, tecnológica, política e cultural.

Para isso, Hui sugere uma reabertura da história mundial, pautada nos diálogos transversais entre culturas, para reposicionar a tecnologia enquanto sujeito de investigação e de transformação, na perspectiva de múltiplas cosmotécnicas. Pois, "podemos suspeitar que tem havido um engano e um desconhecimento quanto à tecnologia nos últimos séculos, já que ela tem sido vista como algo não essencial e de caráter meramente instrumental – mas, de modo mais significativo, como homogênea e universal" (Hui 2020, 17).

Assim, a reflexão sobre outros futuros possíveis, que é um imperativo na atualidade, deve passar pela questão da tecnologia, redescobrimo as histórias das diferentes cosmotécnicas, em contraposição com os discursos da modernidade e da globalização, pautados na história linear europeia, pois, "sem confrontarmos o conceito de tecnologia em si, dificilmente seremos capazes de preservar a alteridade e a diferença" (Hui 2020, 19).

No primeiro capítulo, escrito originalmente em 2017, Hui propõe seu conceito de cosmotécnica articulado à cosmopolítica, uma nova geopolítica, que não se restringe apenas a uma mudança de hegemonia, mas ao fim da globalização unilateral. Essa última, universaliza epistemologias particulares em nome de uma hegemonia cultural vendida como global, apagando suas origens locais e as demais epistemologias.

Nesse sentido, o conceito de cosmopolítica é reativado a partir da definição kantiana de cosmopolita, como uma política da natureza, mas também como um futuro regime comercial global da diversidade política e técnica. A política da natureza é pensada, aqui, para além da dualidade natureza/cultura, afirmando a historicidade dessa divisão. Hui ressalta que a colonização que levou à globalização unilateral foi técnica e tecnológica

e, dessa forma, as cosmologias europeias espalharam-se pelo globo e, com elas, propaga-se, também, essa visão dual, muito característica da modernidade europeia. O conceito de cosmopolítica busca, então, a reconciliação do particular com o universal, não em termos de hegemonia, mas em termos de alteridade e relação.

A consciência da multiplicidade de cosmotécnicas (tecnodiversidade) é a forma de repensar a geopolítica na crise do Antropoceno, pois afirma o caráter local das tecnologias, limitadas e movimentadas por cosmologias particulares. O reconhecimento dessa multiplicidade é uma ferramenta política para pensar além dos paradigmas binaristas modernos europeus e da globalização unilateral, que resulta em hegemonia universalizante, "uma forma de neocolonização, que impõe sua racionalidade via instrumentalidade" (Hui 2020, 41).

Nos segundo e terceiro capítulos, *Sobre a Consciência Infeliz dos Neorreacionários* e *O que vem Depois do Fim do Iluminismo*, escritos originalmente em 2017 e 2019, o pesquisador examina o pensamento neorreacionário no século XXI, tratando sua emergência como uma consequência da perda de potência do Ocidente e da decadência dos paradigmas iluministas. O pensamento reacionário é, aqui, uma forma de ceticismo, que não consegue olhar para fora de si. Nesse sentido, Hui retoma o conceito de "consciência infeliz", de Hegel, uma "confusão de sentimentos histórica" (Hui 2020, 52), certo niilismo com mania de revisionismo. O ódio à democracia é consequência desse conjunto de ideias, pois a democracia, criada no mito do Iluminismo, é vista como limitante das liberdades de direito.

Nessa perspectiva, o Iluminismo acaba servindo como um bode expiatório para a confusão conceitual dos autores analisados por Hui, que enxergam, nas políticas social-democratas, raízes iluministas e acreditam no sacrifício da política em nome da produtividade econômica. Consideram a geopolítica atual como uma política improdutiva, marcada pelo politicamente correto, derivada da propagação dos ideais iluministas.

O filósofo comenta que "os limites à globalização [unilateral] não foram traçados pela mentira ilumi-

nista, como os neorreacionários afirmam, mas são apenas a manifestação de um *zeitgeist* no qual a colonização, a industrialização e o nascimento da economia se sobrepõem" (Hui 2020, 64). Esse levante é derivado, então, de certa "ansiedade quanto ao ocidente ser incapaz de superar a atual fase da globalização e de manter os privilégios desfrutados ao longo das últimas centenas de anos" (Hui 2020, 65). Porque "somente a partir de uma intervenção tecnológica invasiva que o ocidente poderá se recuperar da democracia" (Hui 2020, 70).

Para revidar os ataques, o autor novamente propõe pensar a partir do resgate das cosmotécnicas não-ocidentais e de suas histórias particulares, desmontando a sincronização da história, que só entende a linha evolutiva do "progresso". Desmontar a sincronização dessa ciência e dos currículos escolares, resgatar epistemologias e desenvolver novas epistemes são os caminhos que buscam "fragmentar o mundo de acordo com o diferente, em vez de universalizá-lo através do mesmo; introduzir o mesmo através do diferente, em vez de deduzir o diferente a partir do mesmo" (Hui 2020, 72).

A partir disso, Hui desenvolve, novamente, algumas ideias neorreacionárias, destrinchando-as. Uma delas é a de que a aceleração tecnológica contemporânea corresponde ao fracasso dos ideais iluministas, que culmina em um sentimento de triunfalismo pós-humanista, advindo da Inteligência Artificial, que é expandida como um meio de hegemonia quase eugenista do ocidentalismo.

A crítica do filósofo a esse ponto tem a ver com os processos de desterritorialização, provocados pelo capitalismo global em sua fase atual. O pesquisador comenta sobre as atualizações, deslocamentos e adaptações promovidos pelo sistema capitalista, em nome da manutenção de suas lógicas intrínsecas, e ressalta o papel da tecnologia nesses processos. Então, para o autor, é preciso rejeitar o discurso unificador do humano, ligado a um processo de modernização como forma de sincronização. Para isso, faz-se necessário bifurcar sucessivamente o eixo da história, dando à tecnologia um novo referencial, que se adeque à multiplicidade de cosmotécnicas.

É importante lembrar que Hui coloca, ainda,

que a necessidade da tecnodiversidade também impõe a necessidade de múltiplas cosmoéticas, inseridas em um futuro de globalização multicultural e verdadeiramente democráticas. Assim, retoma a questão de repensar o processo da modernidade, de forma a conseguirmos imaginar outros futuros, revisitando a história da racionalidade e de suas relações com a natureza e a tecnologia, dessa vez objetivando buscar e manter a tecnodiversidade.

Nessa perspectiva, Yuk Hui reflete sobre a ecologia das máquinas, no quarto capítulo do livro, *Máquina e Ecologia*, escrito originalmente em 2019. O conceito de tecnodiversidade é fundamental para aprofundar a reflexão sobre as relações entre máquina, ecologia e a historicidade dessas categorias, refletindo a partir dos limites do ambiente, da cultura e do pensamento geográfico. O pesquisador não defende que a tecnologia deve atravessar dilemas morais em nome do progresso, ignorando, dessa forma, os desastres naturais e desigualdade social e tomando-os como inevitáveis para o avanço tecnológico e econômico. Também, não defende que devemos evitar a inteligência artificial a qualquer custo. Ao invés disso, traz uma forma de pensarmos para além do que já está dito sobre o futuro e criarmos caminhos a partir da reflexão sobre as tecnologias.

Hui propõe que a recursividade do *feedback*, presente na ecologia e nas máquinas, é uma visão possível de como superar a binaridade da Europa moderna. A recursividade é importante, por ser característica da operação não linear que retorna constantemente para si, a fim de se conhecer e se determinar. Desde McLuhan, a palavra "ecologia" perdeu seu caráter estritamente biológico, de modo que analisar as relações complexas e não lineares pela dualidade sincrônica não faz mais sentido. Devendo, portanto, ser analisadas como um complexo tecnologia-ambiente. O capital é, agora, um modelo organicista, levado a cabo por máquinas informacionais equipadas com algoritmos recursivos complexos. Assim, para compreendermos as pautas sociais, ambientais e tecnológicas contemporâneas, é necessário abriremos espaço para uma nova forma de entendimento do que

é inteligência, que possa incluir a recursividade, o sensorial e a arte.

É no capítulo *Variedades da Experiência da Arte*, desenvolvido a partir de três palestras, que aconteceram em 2019, durante a aula magna *What Art Can Do in the 21st Century* (O que a arte pode fazer no século 21?), na Universidade Nacional de Artes de Taipei, que o autor disserta sobre as relações possíveis entre arte e tecnologia. Para Hui, a arte possui a capacidade de unir o pensamento científico ao filosófico. Para desenvolver novos pensamentos filosóficos, estéticos e tecnológicos, que deem fim à cibernética e ao pensamento europeu moderno como sinônimo de desenvolvimento, é necessária a fragmentação e a dessincronização. A filosofia pós-europeia, pensada a partir de todos os continentes, pode ser alcançada por meio dessa fragmentação. É nesse momento que a arte se encaixa, pois teria, em sua essência, a localidade, bem como o pensamento recursivo e não linear.

A arte é, para Hui, um meio de acesso ao não racional, o *tao* ocidental, com sua capacidade de explorar o sensorial e educar sobre a sensibilidade, a partir dos múltiplos entendimentos de inteligência e experiência. Para o autor, o não racional é importante para pensarmos as cosmotécnicas, visto que:

O sentido concreto do não racional se correlaciona com o mundo cosmológico em que as pessoas vivem e que molda a mentalidade das culturas; seus meios de acesso são expressos pela arte e pelas tradições, uma experiência estética que se mostra excepcional e extraordinária no sentido de que racionaliza o não racional e constrói um plano de uniformidade no que concerne a uma vida espiritual. (Hui 2020, 143).

É na arte que os pensamentos científico — voltado ao aprimoramento de técnicas e tecnologias — e filosófico — voltado ao desenvolvimento de novos sentidos — podem ser explorados em conjunto.

Para a criação de uma nova filosofia não europeia também é necessária a evolução da inteligência artificial. No capítulo *Sobre os Limites da Inteligência Artificial*, descrito originalmente também em 2019, Hui disserta sobre tal evolução, trazendo o seguinte questionamento:

A transformação do humano levará à extinção do *Homo sapiens*? Ou essa transformação nos conduzirá a uma abertura - uma abertura que não apenas rejeite o humanismo, mas que também rearticule as questões da história, da cultura e da vida? (Hui 2020, 175).

Porém, a inteligência artificial não está apenas restrita ao desenvolvimento de uma superinteligência, já que o próprio conceito de inteligência não pode ser limitado pelo uso de cálculos e análise de fenômenos. Deve-se considerar os aspectos não racionais e simbólicos, que envolvem a moral e a cultura. Isso não significa estudar apenas sobre a ética da tecnologia, mas voltar aos modos de conhecimentos diferentes, que ainda não foram considerados por cientistas e engenheiros.

Yuk Hui finaliza o livro com seu ensaio mais recente, *Cem Anos de Crise*, no qual discorre sobre a atual pandemia de coronavírus e a dificuldade dos países em contê-la. Seja pela demora da Organização Mundial da Saúde em organizar um plano de controle do vírus ou pela volta instintiva às fronteiras dos Estados-Nação, que têm sido borradas pelo capitalismo global e o *World Wide Web*. Para o autor, a forma com que estamos lidando com a pandemia é resultado de uma cultura monotecnológica, e com ela muitas instituições deixarão de existir, por conta dos avanços digitais. Para conter a propagação do vírus, serão necessárias atitudes empáticas de todos os países, agir como um globo, sem deixar de lado as diferenças locais, o que o autor chama de solidariedade concreta.

Essa reflexão, e todas as outras que o autor traz em seu livro, mostram-se importantes, tendo em vista as mudanças que a tecnologia causa nos múltiplos âmbitos da sociedade. Essa necessidade aumenta a partir da pandemia, que isola as pessoas e as confina cada vez mais nos limites dos seus respectivos domicílios. Assim, a internet, e com ela as plataformas de comunicação e as redes sociais, torna-se necessária para trabalho, estudo e lazer.

Neste momento, o biológico e o político são um só, mas o retorno desesperado às fronteiras do Estado-Nação impede que a crise seja entendida como o que ela realmente é, ou seja, global. Essa lógica é uma barreira à coimunização global, pois

segue os princípios da soberania e da dualidade amigo-inimigo. No entanto, é nítido que essas fronteiras já não têm o mesmo propósito e impacto que tinham anteriormente. Em tempos de multinacionais e *World Wide Web*, de governos eleitos por *fake news* criadas por empresas de outros países, a guerra contra o vírus é, também, uma guerra da informação.

Portanto, é necessária, para a coimunização massiva e global, a solidariedade concreta. E essas redes de solidariedade concreta podem ser as mesmas que construirão infosferas diversas, superando a guerra informacional, em um resgate da tecnodiversidade, bem como de seus diversos modos de acesso, colaboração e epistemologia, em oposição à cultura monotecnológica da globalização unilateral e dependente. É necessário, por fim, buscar uma nova agenda e imaginação tecnológicas, que possibilitem novas formas de vida social, política e estética, para, assim, lidarmos com a crise do Antropoceno e imaginarmos futuros possíveis e democráticos.

Referências

Hui, Yuk. 2020. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora.

Gabriela Berghahn Santana

Graduanda em Artes Visuais – Bacharelado, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, RS, Brasil. Atua como bolsista de Iniciação Científica (BIC-UFRGS) na pesquisa "Produção e Veiculação da Arte na Internet: Plataforma Verter" desde 2020.

Marthina Borghetti Rosa da Silveira

Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Trabalha com Ensino de Arte e ilustração. Suas pesquisas giram em torno das relações entre arte e sociedade na contemporaneidade.

*Os textos deste artigo foram revisados por **Zeppelini Publishers** e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação*